

Título: O desafio da adaptação da metodologia etnográfica de acordo com a realidade da Rocinha, considerada uma das maiores favelas da América Latina

Autora: Daniela Jacques

Escola Superior de Propaganda e Marketing- ESPM, Rio de Janeiro- Brasil

Resumen:

La investigación contó con la metodología etnográfica y netnográfica, con observación participante durante 17 meses, 3 grupos de discusión y entrevistas en profundidad a 10 jóvenes. El desafío de la investigación que originó este artículo fue la propia metodología etnográfica, que fue adaptada en función de la cultura local y de la inclusión de la categoría “hospitalidad”. Para que la investigadora pudiera contar con la confianza/adhesión de los encuestados, se hizo necesario identificar los principales tipos de hospitalidad en la Rocinha, los cuales fueron integrados a la metodología. La hospitalidad fue considerada bajo la perspectiva de la Filosofía, la Filosofía de la hospitalidad (Telfer, 2004). Otro punto importante fue que al final de la investigación, la vida diaria de la Rocinha sufrió una drástica violencia, al entrar en conflicto dos bandos por el control del narcotráfico. Después de varios días de incesante "guerra", el ejército se trasladó a Rocinha. En este enfrentamiento entre las facciones y el ejército, los jóvenes y los niños quedaron aislados en sus hogares. Se realizaron entonces una nueva revisión y una adecuación de la metodología considerando el contexto de guerra, violencia, inseguridad, miedo y muerte. Cabe mencionar que el conflicto por el control de drogas se mantuvo hasta la conclusión de la investigación.

Palabras claves: Etnografía, Hospitalidad, Desigualdad social, Juventud, Consumo de lujo

Resumo:

Do meu mestrado em Gestão da Economia Criativa, eu trago experiência de campo na Rocinha, uma favela, localizada no Rio de Janeiro. A pesquisa teve a metodologia etnográfica e netnográfica, com realização de observação participante durante 17 meses, 3 grupos de discussão e entrevistas em profundidade com 10 jovens. O desafio da pesquisa, que originou este artigo esteve na própria metodologia etnográfica, que foi adaptada em função da cultura local, e da inclusão da categoria (hospitalidade). Para que a pesquisadora pudesse ter a confiança/adeseão dos pesquisados, se fez necessário a identificação dos principais tipos de hospitalidades na Rocinha, que foram inseridos na

metodologia. A hospitalidade foi considerada pela perspectiva da Filosofia, a Filosofia da Hospitalidade (Telfer, 2004). Outro ponto importante foi que no final da pesquisa, o cotidiano da Rocinha sofreu uma drástica violência entrando em conflito duas facções pelo controle do tráfico de drogas. Depois de alguns dias de uma incessante “guerra”, o exército instalou-se na Rocinha. Neste embate entre as facções e o exército, jovens e crianças ficaram isoladas em suas casas. Assim, uma nova revisão e adaptação da metodologia foram feitas considerando o contexto de guerra, violência, insegurança, medo e morte. Vale ressaltar que o conflito pelo controle das drogas permaneceu até a conclusão da pesquisa.

Palavras-chave: Etnografia, Hospitalidade, Desigualdade Social, Juventude, Consumo de Luxo

Introdução:

Geralmente os livros sobre pesquisas e as suas respectivas metodologias têm como objetivo principal abordar informações descritivas e explicativas, privilegiando um conteúdo didático. A proposta é informar, trazendo um repertório consistente para que a metodologia seja escolhida por profissionais, estudantes e pesquisadores de acordo com os principais objetivos da pesquisa, e também possa ser conduzida da melhor forma possível com resultados satisfatórios. É indiscutível que o aprendizado a partir de um conteúdo em qualquer disciplina é fundamental. No entanto, considerar a prática de uma disciplina, e o seu contexto é tão ou mais importante do que o conhecimento didático. *O livro Educação em Quatro Dimensões*, informa que o conhecimento é absolutamente essencial, mas que existe um consenso de que a educação no mundo quando foca apenas no conhecimento, não prepara adequadamente os estudantes para a força de trabalho e para o mundo da atualidade, muito menos para o futuro.

Pois, por melhor que seja a abordagem de um conteúdo didático, em hipótese alguma, contempla todas as variáveis e imprevistos que de fato acontecem no percurso de um trabalho. Normalmente, em uma pesquisa, a experiência do pesquisador, em seus percalços, erros e acertos, não são considerados nos livros de metodologia de pesquisas. O que pode ocasionar um distanciamento entre a teoria e a prática de uma pesquisa. Assim, o contexto e a cultura local, as relações entre as pessoas com todo o seu dinamismo a partir de estímulos não previsíveis, estando muito além do objeto pesquisado, e que podem se relacionar, ou não com a pesquisa, trazem mais riquezas e desafios para o pesquisador. É a partir deles que as análises serão mais profundas, trazendo resultados consistentes e ricos. Como exemplo, o livro *A Sociedade da Esquina*, em que o autor reservou um capítulo (anexo) descrevendo a sua experiência no decorrer da pesquisa. Levando-se em consideração que as pesquisas são únicas, mas ao mesmo tempo trazem questões, problemas, imprevistos em comum, eu relato a minha experiência como pesquisadora durante o meu mestrado em Gestão da Economia Criativa. O meu objetivo é compartilhar a minha experiência, a partir de um movimento de troca de informações e de sugestões. Pois diante a minha própria dificuldade dentro da Rocinha, como pesquisadora, eu não encontrei nos livros as histórias de outros

pesquisadores. E por isso, eu espero que a minha experiência possa ajudar, orientar e inspirar outros pesquisadores, profissionais e estudantes.

A pesquisa que inspirou este artigo chama-se *Um olhar sobre o luxo: representações, significados e práticas entre um grupo de jovens moradores da Rocinha*, e compreendeu e analisou as principais representações do luxo entre um grupo de jovens moradores da Rocinha, uma favela localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Esta pesquisa propôs uma investigação baseada em uma leitura fundamentada na perspectiva antropológica que compreende o luxo e o seu consumo como algo ativo, frequente e pertencente ao cotidiano. “O que foi o luxo para você hoje?” Esta pergunta, feita no contexto do trabalho de campo e foi o fio condutor na compreensão das principais práticas, dos significados e das representações do luxo. Vale ressaltar, que o grupo de jovens pesquisado se destaca por suas inserções sociais que transcendem o espaço da Rocinha e pelo valor atribuído por eles à educação e ao trabalho.

Eu resolvi compartilhar a minha experiência pela a minha própria dificuldade, de não ter encontrado nos livros as histórias de outros pesquisadores. A metodologia etnográfica, é considerada desafiadora, porque evoca a presença do pesquisador no local a ser estudado, observando, registrando informações, dados e fatos, e pela descrição detalhada de um grupo (Travancas, 2012). Por isso, como fica o trabalho de pesquisa, quando mesmo antes de se entrar em campo, dificuldades aparecem? Entre elas uma guerra, que se instalou na Rocinha entre duas facções de tráfico de drogas e o exército, trazendo limites e desafios para a pesquisa.

DAMATTA (2010), sintetiza dois importantes movimentos etnográficos, o de "transformar o exótico em familiar" e o de "transformar o familiar em exótico", ressaltando que o primeiro movimento pressupõe o segundo, ou seja, o indivíduo não é capaz de enxergar o outro e aceitá-lo se não conseguir se estranhar em relação ao que é. O conhecimento da realidade social requer, assim, "relativizar" as próprias referências. Porém, mesmo com o exercício da relativização tão fundamental na metodologia etnográfica, ainda assim, eu precisei adaptar à metodologia etnográfica a partir de uma categoria descoberta durante o meu campo, na Rocinha, chamada hospitalidade.

A categoria hospitalidade foi entendida durante a pesquisa pela perspectiva da Filosofia, *A filosofia da hospitalidade*. A hospitalidade está associada à satisfação de uma necessidade, como também ao recebimento de convidados, estando estritamente relacionada à concessão de prazer. Compreende-se que “proporcionar hospitalidade” e “receber um convidado” possuem o mesmo significado. Proporcionar hospitalidade é tornar-se responsável pela felicidade dos hóspedes enquanto estiverem sob o seu teto, deixando os seus hóspedes felizes, enquanto estiverem sob a sua atenção, sabendo o que fazer para agradar as hóspedes. (Telfer, 2004)

Principais informações sobre a Rocinha

A Rocinha é popularmente conhecida como uma das maiores favelas do Brasil e, percebem-se ali valores que estão enraizados na sua origem, no significado do seu nome Roça – Rocinha- plantação e vendas de hortaliças –, o que reflete a identidade de uma cidade pequena, ou uma região que remete à cidade do interior. Na Rocinha, residem oficialmente, aproximadamente, 70 mil habitantes. Se no âmbito do consumo, arte, ONGS a Rocinha revela-se como um local de diversidade de espaços, bens e serviços, do ponto de vista da convivência, é preciso considerar que se trata de uma favela que tem sérios problemas pertinentes a esse tipo de local. Ali, observam-se vários desafios sociais, econômicos e urbanísticos que, de um lado, podem ser vistos como barreiras ao desenvolvimento local, mas, de outro, podem ser vistos como oportunidade de transformação a partir da perspectiva da criatividade. Assim, a Rocinha foi pesquisada levando-se em consideração os sérios problemas pertinentes a uma favela; no entanto, os sonhos e as aspirações de seus moradores também foram ouvidos, pois se reconhece que ali existem pessoas criativas e talentosas.

Reflexos da hospitalidade na Rocinha

A percepção sobre a existência da hospitalidade na Rocinha foi fundamental, uma vez que revelou valores importantes e foi determinante para a minha entrada em campo, na minha aceitação como pesquisadora, na relação entre os pesquisados, nas análises e interpretações desta pesquisa, ou seja, norteou todo o formato da pesquisa. A criação desta categoria surgiu a partir de duas questões diretamente relacionadas: a primeira, a minha entrada como pesquisadora; a segunda, a minha relação como pesquisadora-e -

pesquisados no campo. Uma frase vinda de uma moradora me impactou, representando toda a dificuldade que viria no decorrer dos dois anos. A moradora, B., me disse que por segurança não se entra dentro de uma favela sem um morador desta mesma favela. E que a própria moradora somente entrava dentro de uma favela com a presença de um morador. Mediante esta afirmação, como ser aceita pelos moradores na condição de pesquisadora? Como criar um vínculo de confiança entre ambas as partes? Como fazê-los sair de suas próprias casas, participarem, contribuir com a pesquisadora? Como formar um possível diálogo entre a pesquisadora e os jovens moradores da Rocinha? E, sobretudo, como entender as principais características da hospitalidade dentro da Rocinha e praticada por seus moradores?

Assim, eu compreendi que, primeiramente, precisaria ter adesão dos próprios moradores para viabilizar a pesquisa dentro da Rocinha. Não bastava ter um projeto interessante para a academia, para os pesquisadores e para a sociedade se, principalmente, os moradores não entendessem e considerassem o projeto relevante para eles mesmos. A partir de então, foi realizada uma análise sobre a hospitalidade dentro da Rocinha, identificando as principais motivações e tipos de hospitalidades a partir da concepção de seus moradores.

Os tipos de hospitalidades dentro da Rocinha

A hospitalidade, no sentido de lar, de se sentir em casa, está presente nas práticas de consumo na Rocinha, pois a relação estabelecida entre o prestador de serviços e o consumidor é tão ou mais relevante do que o produto vendido. Segundo os jovens, a hospitalidade é muito presente na Rocinha e em todas as favelas. Tal fato tem relação com o seu passado, pois com a mínima assistência do setor público, fazia com que as pessoas se ajudassem com trocas de serviços. Esta prática perdura até hoje porque houve um aprendizado na favela entre os moradores de ajudar ao próximo, pois as pessoas dependem umas das outras para sobreviverem. A hospitalidade também está na alma da cidade pequena da Rocinha. Isso garante que todo mundo se conheça e saiba nome e endereço, mesmo que não tenha sido diretamente informado. Dentro da Rocinha, prevalecem dois tipos de hospitalidade. Aquela que se estabelece pela consideração ao outro através da amizade, da vontade de agradar, da compaixão, da afeição e/ou dever,

para ajudar aqueles que estão com dificuldades e há, também, a hospitalidade que é feita na esperança de que seja retribuída (Telfer, 2004).

De uma forma geral, os moradores da Rocinha estabelecem uma relação de confiança e sentem-se acolhidos e protegidos entre eles mesmos. Pode-se dizer que essa prática funciona como "cada um protege a casa do outro". Os moradores procuram se ajudar, pela cultura local que se assemelha a de uma cidade pequena e pelos problemas socioeconômicos, como a falta de infraestrutura e a violência. Em um local em que se encontram problemas de desigualdade socioeconômica e violência, reforçar os laços entre seus moradores ajuda a transformar o lugar com características de não hospitaleiro em hospitaleiro, tornando a comunidade um lugar feliz e de bem-estar. "As comunidades em que há falta de justiça e caridade tendem a ser lugares desventurados para se viver. A hospitalidade se assemelha à caridade, beneficiando os outros em vez de a si mesmo" (Telfer, 2004, p.7). Independentemente do local, é importante que os moradores sejam bons hospedeiros, mantendo esta prática de tratar seu vizinho e também o convidado de forma que os deixem felizes, sabendo o que agrada; "em outras palavras, eles sabem o que agrada seus hóspedes e são capazes de fazer isso" (Telfer, 2004, p.56).

Podem-se mencionar alguns exemplos que são feitos pelos moradores da Rocinha, a partir de práticas hospitaleiras. As instalações hidráulicas, elétricas e serviços em geral são feitos por "um amigo que é amigo do meu vizinho". Sem referências profissionais, o que prevalece na contratação é a relação de amizade. O que se observa na Rocinha está relacionado à ideia de que em um lugar em que se encontram problemas de desigualdades, reforçar os laços torna-se fator relevante para se manter o ambiente de hospitalidade (Telfer, 2004). Outro ponto importante é que as festas na Rocinha têm sempre muitos convidados, porque, normalmente, se espera "o amigo do meu amigo", que é bem-vindo. Assim, a comida e a bebida são calculadas além do número de convidados, considerando um número extra, na espera de que venham os amigos dos amigos. A relação entre os amigos é valorizada, expressando solidariedade e reforço dos vínculos familiares (Telfer, 2004). Há uma contradição entre a fartura dos alimentos e os problemas pertinentes a uma favela. Assim, os laços de hospitalidade são mais fortes para que prevaleça no ambiente a hospitalidade ao invés do empobrecimento. A ideia por trás disso é de que seria muito difícil viver em um lugar sem gentileza e afeto. Quando não se é acolhido por amigos, colegas e vizinhos, a sociedade fica mais pobre.

A hospitalidade na Rocinha revela-se no servir à pessoa convidada primeiro para que se sinta em casa. No entanto, apesar da hospitalidade presente na Rocinha e no ideário de cidade pequena, não se pode generalizar e dizer que não existam casos de “não hospitalidade”. O informante E., por exemplo, teve problemas com seu vizinho, porque este escuta forró alto e eles disputam o varal. Assim, a hospitalidade na Rocinha pode não acontecer, vez ou outra, em função do comportamento de alguns moradores.

A hospitalidade é somente para o familiar. Para o que vem de fora é risco, ameaça.

Se dentro da Rocinha a hospitalidade parece ser a regra, a relação dos seus moradores com pessoas de fora não aparenta ser de tanta hospitalidade. A Rocinha é um espaço que promove o acolhimento, é uma favela que tem alma de cidade pequena. Desse modo, a hospitalidade emana nas relações entre os amigos, vizinhos e moradores, mas exclui o que não é local e pertinente à própria favela. Assim, os moradores valorizam o amigo e/ou contato do morador – que sempre serão bem-vindos desde que tenham uma conexão com o morador e a favela. Na Rocinha, é possível sentir-se em casa quando se é convidado, desde que seja por uma boa referência. Os moradores são, de certo modo, receptivos, seus laços são estreitos entre si, mas há, nesta cultura de cidade pequena, muitas dificuldades em relação àquilo que não é familiar, àquilo que é de fora e, também, alguns obstáculos quanto à instalação de projetos sociais e/ou de iniciativas privadas.

Vale ressaltar que a pessoa hospitaleira é alguém que proporciona hospitalidade atenciosamente e com frequência (Telfer,2004). Sob esse aspecto, os moradores da Rocinha são hospitaleiros quando estabelecem um vínculo emocional com seu visitante. É possível que, com frequência, falte hospitalidade em função de uma rejeição ao que vem de fora, ao novo, sem estabelecimento de vínculo emocional. Neste sentido, pode haver perdas em projetos de benfeitorias, assistência e evolução estrutural para o local como um todo. Desse modo, a hospitalidade emana nas relações entre os amigos, vizinhos e moradores, mas exclui o que não é local e pertinente à própria favela, incluindo pesquisas e trabalhos que venham de fora sem a validação de um morador da Rocinha. Por isso, a importância da categoria hospitalidade dentro da metodologia.

No decorrer de três meses, antes da pesquisa começar, para a minha entrada no campo, foi preciso estabelecer uma relação de proximidade entre mim, a moradora M. (informante privilegiada) e a Rede Coletiva. . Sendo, necessário um encontro para que a pesquisa fosse apresentada e, de alguma forma, “validada” pela Rede Coletiva da Rocinha, o que foi fator determinante para a participação dos jovens nesta pesquisa.

A Rede Coletiva da Rocinha¹, é uma Organização Social que foi inaugurada pelos próprios moradores e tem como principal objetivo produzir projetos culturais em conjunto com seus moradores. A Rede Coletiva da Rocinha atribui importância à própria comunidade, aos seus moradores, para que os projetos sejam realizados de acordo com a cultura local como grafite, vídeos, produções de videoclipes, produção de bandas musicais e a produção de roteiros para curtas e longas-metragens

Podem-se indicar dois motivos para uma boa hospitalidade entre mim e os jovens da Rocinha. Primeiramente, pela relação pessoal de amizade e afeto com M. e os integrantes da Rede Coletiva. Esta hospitalidade e este acolhimento foram compostos de amizade, afeição e respeito. Depois, a hospitalidade também foi oferecida na espera de um retorno, daquilo que segundo TELFER (2004), chama de “motivos recíprocos”, isto é, há uma satisfação e um prazer na companhia do outro, mas espera-se que a hospitalidade seja retribuída. Esta é a natureza da hospitalidade em que existe um acordo entre as partes pelo qual estão fazendo alguma coisa em benefício mútuo (Telfer, 2004).

O que a favela da Rocinha vai ganhar com esta pesquisa? Assim, foi negociado, pela Rede Coletiva, um *workshop* para os moradores com os principais resultados do estudo. Além disso, consideraram a pesquisa interessante, pois “faz pensar e é diferente, nunca fizeram nada igual e o projeto é lindo”, como disse B. O retorno, neste caso, é intangível, por oferecer conhecimento e entendimento de valores pertinentes à cultura da Rocinha, normalmente desconsiderados pela sociedade.

¹ Os participantes da Rede Coletiva usam a palavra “rede” para defini-la. É um grupo que se organizou e se reúne para promover ações sociais na favela.

Sobre a metodologia, em função da categoria hospitalidade alguns pontos foram adaptados

Toda a pesquisa foi realizada dentro da Rocinha. No início, estava previsto apenas um grupo de discussão, mas foram realizados ao todo três grupos de discussão, a fim de se estabelecer uma relação entre a pesquisadora e os jovens (pesquisados) e, também, iniciar um debate sobre as principais representações do luxo entre os jovens. Inicialmente, eu senti que o mais importante era a relação de confiança estabelecida entre mim e os jovens moradores da Rocinha, para que todos se sentissem confortáveis com a minha presença e o assunto estudado. Neste primeiro contato, eles se interessaram pela pesquisa, mas o fato de eu ter sido apresentada por M., uma moradora e participante da Rede Coletiva, fez toda a diferença na aceitação da pesquisa. E foi possível perceber que as pessoas estão interligadas em uma rede de contatos, todos vinculados à Rede Coletiva: “são amigos de amigos de amigos”.

Os indivíduos estão todos reunidos em um sentimento de lar, entre amigos, na hospitalidade. Lar significa residência, mas não fica restrito apenas ao espaço físico. É também tudo o que estiver nele e em torno dele, podendo ser propriedade, mas também afeição (Telfer, 2004).

Os três grupos de discussão foram pensados para um público jovem em um ambiente descontraído, informal, com todos sentados em roda, no chão, em almofadas coloridas. Também foram oferecidas bebidas e comidas servidas depois da discussão, promovendo uma maior interação entre os integrantes. Bolo, coxinha de frango, cachorro-quente, pipoca, suco e refrigerante fizeram parte deste encontro sendo realizado de acordo com a preferência dos jovens pesquisados. No primeiro grupo, para direcionar a discussão, foram preparados alguns cartazes com frases e imagens sobre o luxo e esse material ajudou na condução da conversa. No segundo grupo, a metodologia empregada foi criada para que os jovens participantes falassem mais sobre eles mesmos, com o objetivo de integrar melhor o grupo e a relação de cada um com a pesquisadora. Neste grupo, foi possível perceber a dificuldade de expressão e insegurança de alguns jovens participantes. No entanto, os jovens falaram de forma descontraída, apontando suas principais percepções sobre o luxo. Um terceiro grupo de discussão foi realizado, em uma

metodologia totalmente direcionada para debates, exercícios e dinâmicas com o objetivo de identificar as representações sobre o consumo do luxo.

Com relação às entrevistas foram sete delas realizadas dentro da Rocinha, uma no local de trabalho do pesquisado e as duas outras em um shopping Center, localizado na Gávea bairro próximo à Rocinha. Cabe registrar a relevância de se considerar o contexto em que a pesquisa foi realizada. Durante o período de trabalho de campo, o cotidiano da Rocinha sofreu transformações no que tange à questão da violência: entraram em conflito duas facções pelo controle do tráfico de drogas, quando faltavam três entrevistas para finalizar a pesquisa. Depois de alguns dias de uma incessante “guerra”, o exército instalou-se na Rocinha. Neste embate entre as facções e o exército, jovens e crianças foram mortas em tiros trocados. Vale ressaltar que o conflito pelo controle das drogas permaneceu até a conclusão da pesquisa, impactando de forma negativa a vida de cada morador.

Em razão desta situação, as três últimas entrevistas foram feitas fora da Rocinha. Uma ocorreu no local de trabalho do pesquisado e as outras duas, num shopping center na Gávea. A diferença das entrevistas realizadas depois do conflito armado na Rocinha foi que, pela primeira vez, foram mencionados termos e expressões como “guerra”, “medo de morrer” e “direitos de ir e vir” como questões ligadas ao cotidiano e à vida dos pesquisados.

Considerações finais

Na Rocinha é a relação de hospitalidade, que de uma forma geral, está presente entre os moradores e, por isso, é neste local que estão as amizades mais íntimas, generosas e de ajuda mútua, muitas vezes iniciadas na infância. Os jovens acreditam que a hospitalidade entre as pessoas seja uma característica das favelas em geral, e também da Rocinha, pelo seu histórico de ajuda mútua em função da ausência do setor público, o que traz como consequência a necessidade de que os moradores ajudem uns aos outros. No entanto, quando estes jovens saem da Rocinha e frequentam outros ambientes – educacionais, de trabalho, de lazer ou de consumo – , nos quais se relacionam com pessoas de diferentes lugares, compreendem que nem sempre a hospitalidade está presente nessas relações nem nesses ambientes, o que traz uma consciência de que a relação de hospitalidade dentro da Rocinha é uma característica própria do local. Desta forma, foi de extrema importância

incluir a categoria hospitalidade dentro da metodologia, pois nesse entendimento a pesquisa foi aceita garantindo uma participação efetiva, em uma construção de relacionamento e seriedade entre mim e os pesquisados. As entrevistas individuais me forneceram mais de 350 páginas com um conteúdo rico e detalhado sobre os seus valores, preferências e cotidiano. O que me permitiu, pelas narrativas dos jovens, um conteúdo consistente para as análises e conclusões da pesquisa.

O contexto de um conflito, caos, interrupção como uma guerra ou outro evento durante uma pesquisa trazem muitas dúvidas de como prosseguir em uma pesquisa mantendo a ética e respeito pelos pesquisados. Se por um lado a segurança de um pesquisador vem em primeiro lugar, os prazos de entrega precisam ser cumpridos. Apesar da relevância, em me manter em campo na Rocinha para a credibilidade da pesquisa, a opção em fazer a entrevista em outro lugar, escolhido pelos próprios participantes foi uma escolha acertada, pois não comprometeu o resultado final. Outro ponto é saber o tempo de se fazer presente, e ausente, se retirando no momento certo, respeitando o espaço de sofrimento dos moradores, e não impondo um assunto que seja considerado, pelos pesquisados fora de propósito, pelo drama que estão vivenciando. Pois, no meio de uma guerra o que predomina é a escassez, falta, dor, morte e dificuldade. Por isso, como pesquisadora, eu tive muita atenção escolhendo o momento certo de me afastar e retornar com as entrevistas.

O workshop que teve como objetivo retornar com os principais aprendizados aprendidos na pesquisa para o grupo pesquisado, trouxe uma importante informação. De como o grupo pode fazer a diferença no local em que mora e na própria sociedade. Segundo os jovens pesquisados, ser morador (a) de uma favela é difícil, porque eles se sentem como se as suas identidades estivessem definidas nos pontos negativos de ser um morador da Rocinha, porque é de onde vieram e onde moram. Independente do que produzam, criem e consumam, ainda se sentem vistos pela sociedade de uma forma estigmatizada (bandidos, sem caráter e sem educação). No entanto, o grupo valoriza o conhecimento, a educação, e o trabalho em seus ofícios como ferramentas de construção de uma nova identidade. Os jovens compreendem que esse é o caminho para realizarem os seus projetos, sonhos futuros, e mudanças sociais. O workshop trouxe uma importante informação. De como os jovens pesquisados, juntos fazem a diferença dentro da Rocinha e fora dela, na própria sociedade.

Referência Bibliográfica

Da Matta, R. (2010). *Relativizando. Uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Editora Rocco

Telfer, E. (2004). *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. In: Ashley, C.; Morrison, A. (Org.) *A filosofia da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. p. 53-77. São Paulo: Manole

Travancas, I. *Fazendo etnografia no mundo da comunicação*. In: Duarte, J.; Barros, A. (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Ed. Atlas, p. 98-103.